

www.coletivopaulofreire.org

Paulo Freire Vive!



CEM ANOS DE
PAULO FREIRE,
CEM VOZES DE
CORACOES E
MENTES.



CEM ANOS DE
PAULO FREIRE.
CEM VOZES DE
CORAÇÕES E
MENTES.



Guia de Leitura

1. Apresentação
2. Conversas de bastidor
3. Destaque - Luiza Erundina
4. Destaque - Nita Freire
5. Memórias que a vida lembra
6. Cartas em louvor à esperança e à docência
7. Depoimentos de práticas preservadas no box do afeto
8. Álbum de retratos
9. Escritas diversas iluminadas pela afetuosidade
10. Cartas de encantos com a rebeldia
11. Imagens de saborosas lembranças
12. Cartas de elogio ao diálogo e às mudanças
13. Classificados poéticos freireanos
14. Traçados de mãos encantadoras
15. Anotações e lembranças de alcance teórico
16. Para daqui a pouco
17. Currículos



Coletivo Paulo Freire SP



Querido Paulo

Prometo nesses escritos ainda lhe contar coisas na saudade dos nossos bons e afetuosos velhos tempos entre os anos 1980 e 90. No entanto, quero lhe dizer que por aqui as coisas andam muito mal. Desde 2019, diante desta pandemia do covid-19 que nos assola, o genocida presidente-capitão tem agido de forma negacionista contra prevenções, vacinas e ciência. Isso só faz contribuir para o aumento das mortes ocorridas que já passam de quinhentas mil, ou seja, esse número já foi bem além das 30.000 mortes “necessárias para consertar o Brasil”, como ele propunha na campanha ao final de 2018.

Sempre sinto muita falta de você e de suas sabenças, diante desse pandemônio e do agravamento do patrulhamento governista contra a educação formal e a educação não formal. Aliás, entre nossos saudosos diálogos, o que mais queria é ter você nesse momento para pensarmos como inserir, em linhas ou entrelinhas de informação e formação, uma ‘Educação para a Cidadania’. Esta parece ser fundamental para combater tudo de mal que ocorre neste querido país, agora tão maltratado, com um povo carente de recomendações mais compreensíveis sobre como se proteger desse vírus letal e de outros males causados pela reinante insanidade política, social e ambiental.

Nisso, alguns intelectuais e a mídia mostram-se incompetentes para o diálogo com as camadas populares menos escolarizadas que demandam orientação mais clara e compreensível de como pensar e agir diante dessas avalanches imobilizadoras e deseducadoras. Ainda essa semana num noticiário, uma excelente especialista e ilustre conselheira que ali estava, dizia “ser mandatório o uso da máscara”. Ora, quantos na população brasileira sabem o que significa a obrigatoriedade presente nesta frase? Por que falar simples se podemos falar complicado, né?! Por isso nem sempre sou a favor do abuso de sinônimos. Já dizia Chacrinha: “Quem não comunica se trumbica”

Da mesma forma, é recorrente o sábio conselho para “não aglomerar”. Entre a mídia e o pessoal da saúde, os que se expressam assim guardam para si o significado – talvez apenas em benefício de uma pseudo-erudição – e evitam que o povão capte que isso significa ‘manter distância de uns dois metros entre as pessoas’. Também complica um pouco o que muitos recomendam, sem mais: ‘manter distância social’. Essa ‘distância social’ e o ‘não aglomerar’, certamente, não têm boa compreensão por uma considerável parte da população.

Caro Paulo, sentindo cada vez mais a necessidade de uma educação cidadã, pondero que as pautas identitárias, que ambos concordamos serem importantes e necessárias, correm o risco de relegar a um segundo plano a possibilidade do exercício da cidadania plena neste momento de muitas crises.

Continuarei sonhando com a nossa 'Pedagogia dos sonhos possíveis'² - pedindo licença e contando com a nossa querida Nita - sobre como propor uma educação para a cidadania, esperando ainda por suas bem-vindas inspirações. Dessa forma, quem sabe convertamos esses desconhecimentos nos seus 'inéditos viáveis'³ para que se concretize um amplo e significativo exercício da cidadania?

Também quero trocar ideias com você sobre algo que muito me preocupa e para o quê tenho cobrado mais rigorosidade comigo mesmo e com gente que se identifica com sua obra. Luto por uma melhor compreensão de muitos de seus termos e expressões essenciais. Insisto, sobretudo no que se relaciona com uma educação 'dialógica', 'libertadora' e de 'prática da liberdade'. Um exercício a ser realizado a partir de 'problematizações' sobre 'palavras e fenômenos geradores'⁴ capazes de potencializar os 'temas gerados ou geradores' e as subsequentes problematizações. Nós sempre esperamos que isso ocorra por toda a vida com significativas e recorrentes 'leituras e releituras do mundo'.

Tenho notado que muitas vezes seus termos são utilizados em narrativas de alguns de seus apreciadores que nem sempre revelam um conhecimento consistente dos seus significados. Ou seja, luto para que estes saibam o que significam os seus próprios e rigorosos termos e categorias de pensamento, caro Paulo.

Recentemente, numa entrevista pela internet,⁵ ao me referir à 'leitura do mundo', Madalena⁶ que a presenciava, me assinalou por trás da tela que eu procurasse aprofundar o significado desta expressão. Esse cuidado e a sua recorrente insistência sobre os significados das leituras do mundo, da palavra e dos números já estava assinalado na sua primeira intervenção quando do nosso diálogo publicado em 1991:⁷

PAULO FREIRE. Em nossos muitos encontros, confrontamos nossas experiências no tocante à alfabetização. As lições que você tirou de suas pesquisas em etnociência⁸ coincidem frequentemente com minha visão de pedagogo e lançam uma luz original sobre o que chamei de "leitura do mundo".

É preciso não esquecer essa evidência: as crianças pequenas, bem antes de desenharem e traçarem letras, aprendem a falar, a manipular a linguagem oral. Por intermédio da família, leem a realidade do mundo antes de poderem escrever. Em seguida, apenas escrevem o que já aprenderam a dizer.

No dia seguinte a essa recomendação de Madá, entrei no buscador e, entre poucas coisas mais objetivas, encontrei um vídeo que partia de interessantes noções e ilustrações citando um pequeno texto seu. No entanto, logo após a boa introdução com um garoto não letrado lendo seu entorno e seu mundo, começam depoimentos de escritores e professores. Foi decepcionante. Pasmé! A maioria deles retirava um livro de sua estante e, ao abri-lo, referia-se à importância do livro para nos conduzir a ler o mundo! Ou seja, esses eruditos recorrem a uma proposta fraca de problematização e muito distante da sua com o mundo lido antes do livro. Como sabemos, mas é preciso sempre lembrar, esse nosso mundo é apenas um entre muitos, na diversidade de mundos que não são apenas os nossos, mas os muitos outros existentes sobre o Planeta, com suas diferentes soluções de organização social dentro de uma enorme diversidade de sociedades e suas culturas. Não podemos nos esquecer que esses mundos distintos compreendem as leituras das interações entre as pessoas que, por sua vez, convivem com as relações entre terras, territórios e seus céus, sempre lidos e representados tanto individual como coletivamente. Muita gente se esquece que não somente "nós", mas também outras sociedades são guardiãs de cada distinta forma de inscrição e leitura nos muitos e diversos mundos. Por estas razões, tenho insistido no uso plural de mundos.

Em março deste ano⁹, Nita e eu participamos à distância da 'I Jornada de Estudos Em Educação' (UEMG, Cláudio, MG), na qual esse mundo plural foi explorado. Aliás, Paulo, graças à sua consagrada importância, seu centenário tem nos ocupado com prazer, mas incessantemente.

Agora não me contenho em contar ou recontar-lhe o prazer que experimentei num ótimo caso de leitura do mundo por um garoto por volta dos anos 1990. Como você sabe, eu mantinha um projeto com professoras e estudantes das primeiras séries de uma escola municipal de Campinas (SP). Lá uma professora contou-me uma de suas interessantes memórias pedagógicas:

No início de todas as suas aulas e num mesmo horário matutino, um aluno problematizador e criativo olhava repetidamente para o teto e para o chão a fim de encontrar o bom e preciso local onde dispor sua mesinha de trabalho.

Poucos dias se passaram e a professora, incomodada, não se conteve. Indagou ao aluno o porquê dessa balbúrdia todos os dias!

Então o aluno pediu que a professora observasse um buraquinho no teto por onde a luz do Sol incidia sobre o chão da sala durante algumas horas do dia.

Continuando a explicação ele disse: “Professora. Tá vendo aquela luzinha no chão?”

A partir do círculo luminoso visto no chão, o aluno afirmou: “quando a luz chegar aqui em cima da minha mesa, vai bater o sinal do recreio.”

Pronto! Mesmo depois do acesso à escola e de se familiarizar com a leitura alfabética e numérica, esse aluno continuou suas recorrentes leituras do mundo, mesmo dentro da sala de aula.

O relato me marcou tanto que, recentemente, ao entrar numa garagem com teto de telhas coloniais, observei que de um pequeno buraco entre as telhas a luz do Sol projetava um círculo luminoso no chão e este se deslocava em função da trajetória diária e anual do Sol.¹⁰ Trajetória essa observada por nós, que estamos centrados no referencial ou ponto de vista de observação, a partir do lugar onde pisamos (referencial topocêntrico). Claro que o fenômeno observado evocou a brilhante problematização e consequente solução do aluno para saber a hora do recreio. Tudo isso se reatualizou no que fotografei. Foi uma releitura do mundo evocada à luz do que leu o aluno como mostram, por analogia, as fotos da Figura 4.

Aquele aluno esperançava pelo recreio enquanto raciocinava e experimentava na sua ação autoeducativa. Ele nunca esperou passivamente pelo recreio. Foi fundamental a abertura dessa professora para a relação dialógica educador-educando. Essa dupla abriu espaço para as suas respectivas estratégias e táticas¹¹ que se expressaram livremente gerando uma construção de conhecimento cheia de boniteza.¹²

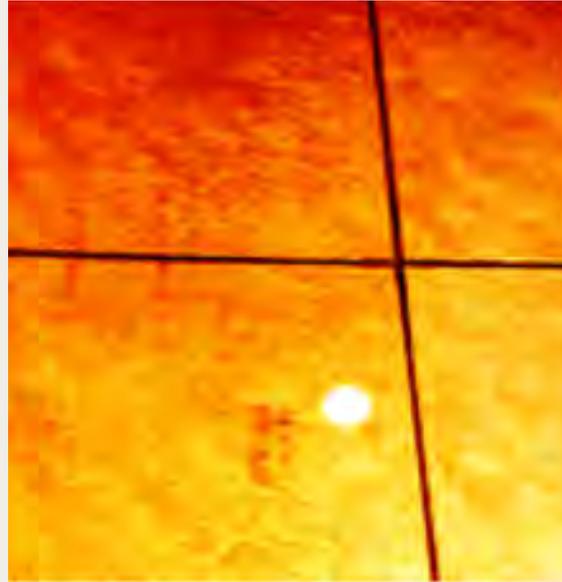


Figura 4 - Leitura do mundo na garagem (24 fev. 2021 - 10h 37m)

Quase terminando esta carta , no imenso prazer que sempre tive pelos nossos encontros, quero reforçar o quão importante foi, recentemente, ver publicado um capítulo que escrevi sobre muitas das nossas tertúlias. O livro é 'Para Sempre Paulo Freire', cujo título do meu capítulo diz muito das nossas emoções e descobertas que vivenciamos: 'Capítulo 1 - Leituras do Mundo por Veredas e Temporalidades com Paulo Freire'.¹³ Numa das seções¹⁴ do capítulo, discuto e agradeço por você ter me prestigiado ao usar e explicar o termo SULear, criado por mim em 1991, no seu livro 'Pedagogia da Esperança' de 1992.

Escrever o capítulo sobre você foi para mim uma forte emoção cujas memórias remontam aos anos 1960, quando ainda à distância, na PUC-RJ (Rio de Janeiro), você já me trazia inspiração e exemplos. A partir dos anos 1980, nos conhecemos e firmamos uma querida relação de produções e emoções. Agradeço a Ana Maria 'Nita' Araújo Freire pelas lindas referências à nossa tripla e bela amizade num dos parágrafos do prólogo desse livro - 'Para Sempre Paulo Freire'.

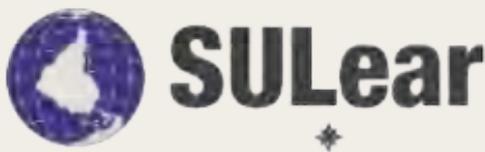
Nos intensos exercícios de memória para a escrita, tive fortes emoções nos diálogos com amizades marcadas pelos tempos de faculdade e ações sociopolíticas, sempre no esplendor dos primeiros anos 1960 que antecederam a repressão pós golpe militar de 1964. Reencontrei algumas dessas pessoas ainda residentes nos seus mesmos lugares onde viveram na condição de exilados, outras por aqui mesmo – sempre num mar de comoções.

Por aqui fico, com esta carta que contém mais uma revivescência de nossas saudosas veredas e temporalidades.

*Cheio de afeto e com você
Para sempre Paulo Freire',
Um forte abraço,*

*Outono em Rio Novo (MG), Zona da Mata
Sábado, 12 de junho de 2021,
Enamorados pelos muitos mundos e suas
gentes que nos rodeiam*

Márcio D'Olne Campos



REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Marcio D'Olne. Capítulo 1 – Leituras do mundo por veredas e temporalidades com Paulo Freire. In COSTA, Antonio Carlos Figueiredo (Org.). **Para Sempre Paulo Freire**, e-book, 1a ed. Contagem, MG/Brasil: Editora Escola Cidadã, 2021a, p. 17-119. Disponível em: <<https://bit.ly/3idAR4K>>. Acesso em 10 jun. 2021.
- CAMPOS, Marcio D'Olne. Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar. In FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire**, São Paulo: Paz e Terra, 2021b, p. 199 – 235.
- CAMPOS, Marcio D'Olne. A cosmologia dos Caiapós. In Etnoastronomia, Scientific American Brasil, São Paulo, v. 14, p. 62-71, 2006. Disponível em: <<https://www.sulear.com.br/texto11.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2021.
- CAMPOS, Marcio D'Olne. Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas? In **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**: Anais, Rio Claro, SP, 29/11 a 1/12/2001, (M. C. de M. Amorozo, L. C. Ming, S. M. P. da Silva. Orgs.), p. 47-92. Rio Claro: Coordenadoria da Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq. 2002. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto02.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2021. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto02.pdf>>. Acesso em 10 de jun. 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer, Petrópolis: Vozes, 2008. 352 p.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**: Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2001, p. 301.
- FREIRE, Nita. Inédito viável. In: STRECK, D. R.; REDIN, E. ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 223 - 226.
- FREIRE, Paulo e CAMPOS, Marcio D'Olne. Leitura da Palavra... Leitura do Mundo. In o **CORREIO da UNESCO**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 4-9, fev. 1991. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto06.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 [1974]. 222p.

-
- 1 - José Abelardo “Chacrinha” Barbosa de Medeiros (1917-1988), comunicador de rádio e televisão.
 - 2 - Título de um livro organizado por Nita Freire com diversos textos freireanos (FREIRE, 2001).
 - 3 - Situações limites e o inédito viável são termos tratados num excelente verbete de Nita Freire. Esses termos têm sua origem no capítulo 3 da ‘Pedagogia do Oprimido’ de Paulo Freire (FREIRE, 2010; FREIRE, 1981).
 - 4 - Sobre ‘fenômenos geradores’, ver desse autor a seção “11. Das palavras geradoras aos fenômenos geradores: Leituras do mundo na educação em ciências” (CAMPOS, 2021, p. 100 a 104)
 - 5 - ‘SULear: Ler e Viver o Mundo’ - ‘Fala, Nobre’: Eder Lima recebe Marcio D’Oliveira Campos. Live "gravada em 11/02/2021, com o Físico, Antropólogo e Astrônomo Marcio D’Oliveira Campos. [1:09:40].
 - 6 - Madalena Mattos Pontes, esposa, mestra em engenharia de alimentos e nutricionista com quem tenho compartilhado pesquisas e publicações na minha investida em antropologia de hábitos alimentares, ou da comida
 - 7 - Ver (FREIRE e CAMPOS, 1991). Reproduzido no livro organizado por Nita Freire (FREIRE, 2001).
 - 8 - Sobre etnociência e etnoastronomia ver dois artigos sobre esses temas (CAMPOS, 2002; 2006).
 - 9 - I Jornada de Estudos Em Educação, UEMG Cláudio (MG) UEMG Cláudio (MG), 19 de março de 2021. As falas foram: Nita Freire (“A boniteza de dizer o sim através do não, em Paulo Freire”); Marcio D’Oliveira Campos (Paulo Freire: um legado para ler os mundos). <<https://www.youtube.com/watch?v=TL1Jmx57URA>> [1:50:48].
 - 10 - O círculo luminoso tem essa forma geométrica por ser propriamente a imagem do Sol. Com a grande distância entre a imagem no chão e o furo da telha, esse furo comporta-se como se fosse muito pequeno, um furo de alfinete (pinhole em inglês). Isso tem relação com as primitivas “pinhole cameras” sem lentes dos primórdios da fotografia. Consultar, por exemplo: ‘Câmera pinhole’ e ‘Fotografia pinhole (ideias práticas)’ nos links a seguir: 1. <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_pinhole>; 2. <<https://www.eba.ufmg.br/cfalieri/pinhole.html>>.
 - 11 - As noções de estratégia e tática muito bem desenvolvidas por Michel De Certeau [1998, p. 45-46 e 97-102] são muito úteis para uma reflexão sobre o contraste freireano entre as educações bancária e dialógica discutido na Pedagogia do Oprimido [CAMPOS, 2021, p. 48-52]. Note-se que o genial uruguaio Mario Benedetti apresentou, por via do amor, esses termos na linda poesia ‘Táctica y estratégia’ (<http://www.avantel.net/~eoropesa/html/poesia/mbenedetti1.html#mbenedetti_4>)
 - 12 - Ver o Capítulo 10: “Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar” (CAMPOS, 2021b).
 - 13 - Capítulo 1 do livro Para Sempre Paulo Freire (CAMPOS, 2021a)
 - 14 - A seção referida é “9. SULear vs NORTEar - Esperanças SULeadas por Freire a partir da ‘Pedagogia da Esperança’” (CAMPOS, 2021, p. 92-95)



ANEXO À CARTA A PAULO FREIRE

EXTRATOS DE:

Paulo Freire entre a boniteza do ato de amar e a boniteza do ato de educar [Freire P entre boniteza de amar e educar 2021]

Marcio D’Olne Campos (IFCH–UNICAMP e Proposta SULear)

REFERÊNCIA:

CAMPOS, Marcio D’Olne. Paulo Freire entre a boniteza do ato de amar e a boniteza do ato de educar. In FREIRE, Ana Maria Araújo. **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 199-235.

FIGURAS: Esses extratos são de fotos que constariam da edição original do artigo referido acima. Por dificuldades gráficas fotos foram dispostas na forma como referidas nas suas legendas das figuras do artigo. Seguem algumas dessas figuras extraídas do arquivo completo encontrado também em: <<https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2021/08/Fotos-CAP-10-BONITEZA-e-Paulo-Freire-Ed-Paz-e-Terra.pdf>>.

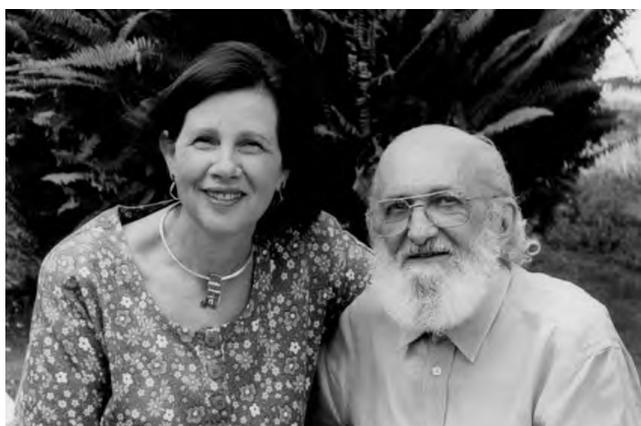


Figura 1 Ana Maria “Nita” Freire e Paulo Freire: casal de bonitezas interiores e exteriores



Figura 2 Paulo Freire e Marcio D’Olne Campos e Nita Freire
(Acervo Marcio D’Olne Campos)

Nota:

Os diálogos com Paulo Freire*, publicados no início dos anos 1990, foram decorrentes de deliciosas tertúlias, conversas e leituras do mundo no sítio de Nita Freire em Itapevi, nos arredores São Paulo (SP). Conosco estava sempre a querida Heliana Hasche, filha de Nita que nos fotografou durante a comemoração dos 60 anos de Nita em 15 de novembro de 1993.

[*] (FREIRE e CAMPOS, 1991)